



Marcílio Marques Moreira

DIPLOMATA, FORMADO PELO INSTITUTO RIO BRANCO, ADVOGADO E MESTRE EM CIÊNCIAS POLÍTICAS, FOI EMBAIXADOR DO BRASIL EM WASHINGTON E MINISTRO DA ECONOMIA, FAZENDA E PLANEJAMENTO DE 1991 A 1992. INTEGROU A COMISSÃO DE ÉTICA PÚBLICA DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA DE 2002 A 2008. É SÓCIO-GERENTE DA CONSULTORIA CONJUNTURA E CONTEXTO E PRESIDE O CONSELHO EMPRESARIAL DE POLÍTICAS ECONÔMICAS DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DO RIO DE JANEIRO.

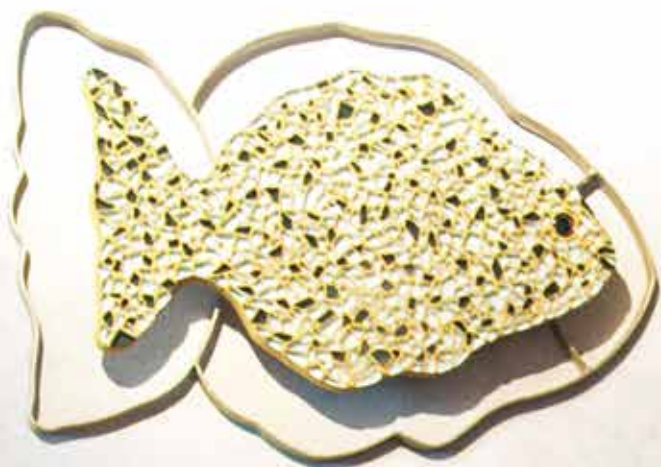
POR VERA DE SOUZA

FOTOS ADRIANA LORETE

Crise econômica e o mercado segurador

Perigo ou oportunidade?

O ex-ministro Marcílio Marques Moreira mostra preocupação com a situação econômica do Brasil, onde a crise financeira se confunde com a política. Um dos setores que se mantêm em crescimento, mesmo diante de um cenário de recessão, é o de seguros, destaca ele, que respondeu por três pastas — Economia, Fazenda e Planejamento —, entre 1991 e 1992, no governo de Fernando Collor de Mello. Para Marques Moreira, a expectativa de recessão é de dias piores até o fim de 2017. Nesta entrevista, o ex-ministro e diplomata fala sobre investimentos externos no momento atual, inflação, recuperação do país e a perda de confiança do cidadão no governo.





Infelizmente, ainda não chegamos ao fundo do poço. *Não se sabe quando isso acontecerá.*

Talvez no fim de 2017 comecemos a ter ar. Em 2017, talvez. 

CADERNOS DE SEGURO: O Fundo Monetário Internacional aponta que o Brasil viverá um quadro pior do que já havia sido estimado. Como o senhor vê a situação que o país atravessa?

MARCÍLIO MARQUES MOREIRA: Acho que o país, no momento, está quase condenado a uma recessão mais profunda. É preocupante conviver com uma inflação que está chegando, nos últimos doze meses, a dez por cento. Qualquer remédio monetário ou fiscal para diminuir a inflação piora a recessão, e qualquer remédio para melhorar a recessão piora a inflação. É um jogo extremamente difícil, essa combinação de tendências divergentes. Infelizmente, ainda não chegamos ao fundo do poço. Não se sabe quando isso acontecerá. Talvez no fim de 2017 comecemos a ter ar. Em 2017, talvez.

CADERNOS: Há, portanto, um longo caminho antes do fim da crise?

MMM: Não é um caminho de travessia, e sim de correção de rumo de políticas extremamente infelizes, extremamente equivocadas. Tanto no seu diagnóstico como nos remédios adotados.

CADERNOS: As medidas emergenciais anunciadas pelo ministro Levy podem resolver a situação, de alguma forma?

MMM: Não resolvem, não. Ele está tentando um caminho para evitar o pior, que seria o aprofundamento da recessão, da inflação e uma retirada de

grandes investimentos. Quer evitar que isso seja considerado altamente arriscado.

CADERNOS: O descrédito no país provoca a evasão de investimentos externos?

MMM: Não sei se os investimentos externos estão indo embora. As perspectivas dos analistas dão conta de que vamos ter esses dois anos bastante difíceis, mas o Brasil em si é uma massa muito grande de gente, de recursos naturais, de território, os maiores mercados consumidores. Tudo tem seu lado positivo. Como dizem os americanos, toda nuvem tem sua *silverline*. Os investidores que pensam em longo prazo, muitas das multinacionais, estão vendo um pouco além.

Pode ser até que alguns cheguem a investir agora para aproveitar essas oportunidades de comprar ativos, a preços de xepa. Esse é o clima que se vive aqui.

CADERNOS: Não é momento também para se esconder os problemas?

MMM: Sempre que falo dos problemas do Brasil, a reação das pessoas é a de falar sobre as coisas possíveis. Agora, não dá para falar que está tudo bem, que é uma crisezinha. Isso é muito desgastante em termos de credibilidade, da confiança. O pior déficit do momento, hoje, é o da confiança. Maquiavel dizia que o Príncipe tinha que ser “paziente auditore del vero”, um paciente ouvindo da verdade. É necessário saber perguntar e dizer às pessoas a verdade, não bajular. É um risco, se você começa a mentir e a acreditar



em suas mentiras. Um dos mais reputados cientistas políticos do mundo, o diretor da Kennedy School of Government, de Harvard, falou que o Brasil perdeu o momento no começo desse milênio, quando tinham sido feitas várias reformas importantes. Reformas estruturantes, realizadas durante o governo Fernando Henrique Cardoso e o primeiro governo do Lula. Realmente, melhorou a inclusão social. O Brasil até chegou a funcionar, concorrente até com os próprios Estados Unidos. De repente, eles acreditaram que aquilo era fruto das suas ideias, da sua excelência, e não fruto de um longo trabalho de melhorias institucionais, da parte econômica, quando acabou aquele casamento obscuro entre o Banco Central e o Banco do Brasil. É um processo cumulativo, mas que cresce. Como diria San Tiago (Dantas), é aluvional. Aí, de repente, acharam que não era fruto de uma herança bendita e de um momento internacional em que as *commodities* estouraram de preços. Em vez de aproveitarem aquele momento privilegiado, acreditaram que era fruto da sua própria vertente e não de uma virtude acumulada de gerações. E é aí que começa a se manifestar uma expressão da arrogância. Essa arrogância dilui a verdade, dilui a confiança. Se o governo não tem confiança no seu cidadão e, em reciprocidade, o cidadão não tem confiança no governo, se dilui a coisa.

CADERNOS: A estabilidade econômica vem de um processo de continuidade de outros governos?

MMM: Sem abertura, o Plano Real não existiria. A gente abriu não só para o mundo, mas para o mercado. Quando cheguei, o cafezinho e o pãozinho francês eram tabelados. Havia um presidente com ideias na parte econômica. Havia abertura. Posso dizer que vivi o mesmo que o ministro Levy enfrenta hoje, num governo desacreditado. Mas eu tinha certas vantagens, era ministro da Economia, Fazenda e Planejamento, não tinha a dicotomia de hoje, de dois ministros com pensamentos econômicos diferentes. Contava com uma equipe de virtuosos, como Pedro Malan, Armínio Fraga, Francisco Gros, Pedro Parente, José Gregório, Nelson Carvalho, Roberto Macedo, ou seja, um grupo extremamente qualificado. O Brasil foi alavancado nesse período, com Collor, Fernando Henrique. Na informática, na agricultura. Carros não podiam ter injeção eletrônica, porque isso era gerido por um chip. Um chip era considerado computador. A editora onde minha mulher trabalhava queria mandar um cartão de Natal que tocava musiquinha. Também não podia, era chip, a Cacex vetou. Era a reserva de informática. Temos uma dificuldade de absorver coisas novas e uma enorme nostalgia de absorver ideias antigas.



CADERNOS: Qual é a pior dificuldade para o governo atual?

MMM: Hoje em dia há uma quase anomia, existem coisas extremamente importantes que o governo não resolve. Já foi dito que a grande diferenciação entre governos não era ser presidencialista, parlamentarista, ser de esquerda, ser de direita. É ser um governo que governa ou um governo que não governa. Nós estamos com um governo que não governa. E isso tem que ser resolvido. Há consequências financeiras enormes. Muito recentemente, para dezenas de distribuidoras de energia elétrica, acabou a concessão. Então, os bancos não financiam porque, se não tem a concessão para operar, como vão financiar em longo prazo? Isso se repete, se repete e se repete. É uma pena. Isso torna o trabalho do Levy muito árduo.

CADERNOS: Como fica o mercado de seguros nesse cenário de recessão?

MMM: O mercado de seguros é meio contracíclico. Ele mantém o crescimento que já vinha antes da recessão. Isso também aconteceu em 2008. Há atividades contracíclicas, não apenas a de seguros – em geral, também, toda a parte ligada à alta tecnologia, porque a tecnologia tem o seu desenvolvimento próprio, que não coincide com ciclos econômicos. Ele até é empurrado para isso. O setor de artes, por exemplo, é assim. No Renascimento, quando houve depressão econômica, ocorreu um florescimento da expressão artística, como em épocas de grande expansão econômica. As pessoas investem em objetos de arte porque é uma reserva de valor. ●

Nota: Entrevista realizada em 23 de julho de 2015. Em 09 de setembro, o Brasil perdeu o grau de investimento na classificação de crédito da Standard and Poor's (S&P). A nota do país foi rebaixada de "BBB-" para "BB+", com perspectiva negativa.